

VERA LUCIA RONCHI VARELLA

O DEFICIENTE AUDITIVO E A BIBLIOTECA ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Especial do Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

1988

O DEFICIENTE AUDITIVO E A BIBLIOTECA ESCOLAR

por

VERA LUCIA RONCHI VARELLA

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Mariléa Grein  
Barbosa de Almeida  
Mestre em Ciências

"O objeto literário é um estranho pião, que só existe em movimento. Para o fazer aparecer, é preciso um ato concreto, que se chama leitura, e ele dura o tempo que essa leitura durar. Fora disso só existem traços pretos sobre o papel".

SARTRE

## AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos à Prof.<sup>a</sup> Mariléa Grein Barbosa de Almeida, pela valiosa colaboração e orientação do presente trabalho.

À amiga Elizete pela atenção dispensada, o que demonstrou mais uma vez a grandeza de nossa amizade.

Ao meu marido Paulo pelo companheirismo.

Aos meus filhos Guilherme e Cristiano pelo carinho.

# S U M Á R I O

1	<u>INTRODUÇÃO</u> .....	01
1.1	JUSTIFICATIVA .....	01
1.2	FORMULAÇÃO DO PROBLEMA .....	02
1.3	DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA .....	02
1.4	OBJETIVOS .....	03
1.4.1	Objetivos Gerais .....	03
1.4.2	Objetivos Específicos .....	03
1.5	DEFINIÇÃO DOS TERMOS .....	03
2	<u>DESENVOLVIMENTO</u> .....	05
2.1	RESUMO HISTÓRICO .....	05
2.2	BIBLIOTECA ESCOLAR .....	08
2.2.1	Instalação .....	09
2.2.2	Os livros e sua seleção .....	10
2.2.3	Funcionamento .....	11
2.2.4	Classificação .....	14
2.3	O DEFICIENTE AUDITIVO E A BIBLIOTECA ESCOLAR .....	17
2.3.1	O desenvolvimento intelectual do deficiente au- ditivo .....	17
2.3.2	A linguagem do deficiente auditivo .....	20
2.3.3	A compreensão do deficiente auditivo .....	22
2.4	METODOLOGIA .....	23
2.4.1	O deficiente auditivo no pré-escolar e a biblio- teca .....	24

2.4.2	O deficiente auditivo na 1. <sup>a</sup> e 2. <sup>a</sup> série e a biblioteca .....	27
2.4.3	O deficiente auditivo na 3. <sup>a</sup> e 4. <sup>a</sup> série e a biblioteca .....	28
3	<u>CONCLUSÃO</u> .....	31
	<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u> .....	33

# 1 INTRODUÇÃO

\* O ato de ler e compreender permite ao indivíduo posicionar-se criticamente frente a realidade em que vive.

Diariamente nos deparamos com situações que exigem leitura e compreensão.

Verificando que pessoas deficientes auditivas têm dificuldade em desenvolver a leitura e comunicar-se com o mundo através dos meios que dispõem, acreditamos que um trabalho dirigido de biblioteca escolar, venha auxiliar no desenvolvimento da leitura e conseqüentemente minimizar as dificuldades de compreensão por eles apresentadas.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

\* O deficiente auditivo tem grandes dificuldades de estrutura de pensamento e compreensão pelo fato de não ser ouvinte. Em conseqüência da deficiência sensorial lhe é muito difícil a linguagem receptiva e emissiva.) Para auxiliar seu desenvolvimento intelectual propomos um trabalho efetivo de biblioteca escolar.

Através desse trabalho procurar-se-á facilitar o acesso aos livros e desenvolver o hábito e o gosto pela leitura, objetivando uma melhor compreensão de textos.

A proposta aqui apresentada está alicerçada em atividades que são desenvolvidas em Biblioteca Escolar. Há mais de dez

anos atuando em escola regular com crianças que não possuem deficiências temos obtido resultados surpreendentes. Essas atividades foram até então desenvolvidas com crianças de classe média alta e também com crianças de periferia.

Acreditamos que crianças portadoras de deficiência auditiva, através desse trabalho tenham oportunidade de aumentar e desenvolver o vocabulário, estruturar o pensamento e conseqüentemente melhorar o nível de compreensão do texto.

Compreender um texto segundo SILVA (1986), significa compreender a relação dinâmica que o mesmo mantém com o contexto e criticamente analisar os fatos desse contexto, descritos pelo autor. Este seria o objetivo mais abrangente de nossa proposta, que nossos alunos, com o amadurecimento natural e através de um posicionamento crítico sejam capazes de ler, julgar e agir. Agir principalmente em busca de uma sociedade mais justa.

## 1.2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Este estudo pretende focar a seguinte questão:

Como se pode melhorar o processo de compreensão do texto, com o auxílio de um trabalho efetivo de Biblioteca Escolar, em indivíduos deficientes auditivos.

## 1.3 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Pretende-se abordar algumas formas de trabalho que possam ser desenvolvidas com o deficiente auditivo, do pré-escolar até a 4ª série do 1º grau.



## 1.4 OBJETIVOS

### 1.4.1 Objetivos Gerais

Melhorar o nível de compreensão do texto através de técnicas e métodos pedagógicos, visando um melhor desenvolvimento e crescimento intelectual do deficiente auditivo.

### 1.4.2 Objetivos Específicos

Trabalhar com o deficiente auditivo tornando-o capaz de:

- a) compreender frases e textos;
- b) entender que a leitura é o ponto de partida para a redação e portanto para o desenvolvimento intelectual;
- c) abordar objetivamente problemas que lhe possam ser possíveis de resolver;
- d) desenvolver a criatividade.

## 1.5 DEFINIÇÃO DOS TERMOS

. **Compreender:** significa coletar os dados que de fato estão contidos no texto - é síntese.

. **Hábito:** disposição duradoura, adquirida pela repetição freqüente de um ato.

. **Interpretar:** consiste em buscar aquilo que o texto sugere - é criatividade.

. **Leitura:** captação de significados numa crescente comunicação entre o leitor e o texto. Implica em aprender a descobrir, reconhecer e utilizar os sinais de linguagem.

. **Linguagem:** o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre pessoas.

. **Texto:** conjunto ordenado de palavras para explicar uma idéia.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 RESUMO HISTÓRICO

Inicialmente é necessário que se apresente um resumo histórico referente ao surgimento e desenvolvimento das bibliotecas, devido ao questionamento que se faz sobre a importância do conhecimento da história e dos livros no desenvolvimento e evolução do ser humano e da sociedade em geral.

Nós fazemos a história e uma das maneiras de perpetuar essa história são os documentos e os escritos em geral. Eles são importantes quer para nos inteirarmos de nossa origem, quer como forma de deixarmos nossa colaboração para as gerações futuras.

A história da biblioteca deve ser analisada não por si só, mas em relação a história cultural, social e educacional. É impossível destacá-la de um conjunto amplo como a própria história do homem.

Se nos reportarmos no tempo através da história da biblioteca, podemos verificar que tudo começou com uma coleção de tábuas de argila onde os sumérios e babilônios registravam o conhecimento. Na Babilônia foram encontradas tábuas datando do século XXI A.C.

Com a utilização do papiro que era um material mais leve e flexível, sente-se um avanço significativo.

Nos antigos templos do Egito já existiam bibliotecas. As bibliotecas mais famosas da antiguidade foram as de Alexan-

dria no Egito e Pérgamo na Ásia Menor que continham grandes coleções de literatura grega.

No período Medieval, os conventos e mosteiros definiam-se como bibliotecas. Foram os mosteiros que guardaram para o mundo moderno a riqueza literária da Antiguidade. Essas bibliotecas só serviam aos clérigos letrados.

Na idade Média foram os Beneditinos os que mais se identificaram com o livro. Visando um profundo conhecimento da língua latina eles faziam um trabalho minucioso, paciente e correto de tradução da literatura pagã, considerada profana.

No século V o Papa Hilário fundou na Basílica de São João de Latrão uma biblioteca que foi transferida mil anos depois para o Vaticano, sendo hoje a Biblioteca do Vaticano que é a mais antiga de Europa. As bibliotecas européias e inglesas são sucessoras das bibliotecas dos mosteiros.

A Biblioteca de Sorbone em Paris foi fundada em 1257. Muitas outras grandes bibliotecas universitárias foram abertas no século XIV.

Em meados do século XV com a invenção de Gutemberg do tipo móvel, houve maior facilidade de impressão e conseqüentemente foi possível que um número cada vez maior de pessoas tivesse acesso ao pensamento humano registrado pela escrita. As bibliotecas passaram a servir o público e os livros tornam-se então, material de consumo.

Nos Estados Unidos as primeiras bibliotecas foram organizadas por subscrição. Todo aquele que pagasse uma cota poderia fazer uso do material ali encontrado. A primeira biblioteca pública foi fundada em 1833 em Peterborough, New Hampshire. Mais tarde com o estabelecimento de uma biblioteca pública em

Boston, outras bibliotecas públicas foram fundadas nos Estados Unidos.

Entre as bibliotecas contemporâneas estão a Biblioteca Nacional de Paris, a do Museu Britânico de Londres, a do Congresso de Washington, D.C. que é considerada como a biblioteca nacional dos Estados Unidos, a Biblioteca Pública de Nova York e as da Universidade de Harvard.

No Brasil, com a vinda dos jesuítas que trouxeram livros para evangelizar e colonizar, formaram-se as primeiras bibliotecas. Os livros ofertados convertiam e fortaleciam a fé. Além das bibliotecas particulares que não proporcionavam nenhum benefício à comunidade.

Os livros vinham de Portugal através de importação regularizada. Aqui eram censurados e qualquer forma de impressão era proibida.

Com a vinda de D. João VI no século XIX, a Colônia sofreu grande transformação em sua vida intelectual. Em 1808, D. João VI chega ao Brasil trazendo junto a Biblioteca Real. Foi instalada primeiramente no Hospital da Ordem Terceira do Carmo, na Bahia. Inaugurada em 1811 e em 1814 foi aberta ao público com sessenta mil volumes. Posteriormente passou a ser acervo básico da Biblioteca Nacional, este o primeiro estabelecimento oficial do gênero a ser instalado no Brasil.

Em Curitiba, a Biblioteca Pública do Estado do Paraná, foi criada em 7 de março de 1857. Funcionou até o ano de 1954 em vários locais impróprios. A partir de 19 de dezembro de 1954 foi instalada e aberta ao público no prédio próprio onde se encontra atualmente.

Através de um breve esboço histórico é possível perceber que a biblioteca acompanha os passos da humanidade.

Quanto a questão do acesso ao livro no Brasil percebe-se que sempre foram poucas as pessoas privilegiadas.

Segundo SILVA (1986) o acesso a leitura e aos livros nunca foi democratizado em nosso meio e a crise da leitura vem sendo reproduzida desde o período colonial.<sup>31</sup>

Como o ato de ler é um ato de conhecimento e conhecer significa saber tomar posições, não há então, interesse por parte da classe dominante que os menos privilegiados criem e desenvolvam o hábito de leitura.

## 2.2 BIBLIOTECA ESCOLAR

Ensino e biblioteca se completam, um não pode ser excluído do outro.

Entre as funções da Biblioteca Escolar está a de estimular o gosto e o hábito de ler. Deve atuar como órgão auxiliar e complementar, facilitando aos alunos o acesso ao material bibliográfico para o estudo e soluções de problemas e deveres de classe.

A biblioteca escolar não deve ser vista como um serviço a parte, destinado a ser usado apenas durante intervalos recreativos, mas sim como um impulso que favoreça o desenvolvimento educativo, funcionando como um elemento de apoio que faz parte do programa em seu conjunto.

O papel da biblioteca escolar é importantíssimo, pois a leitura é o instrumento básico para a aquisição de novos conceitos.

É necessário que a criança leia muitos livros recreativos e receba a influência do vocabulário e do estilo de vários autores. O desenvolvimento linguístico depende muito da riqueza

de vocabulário, para que seus pensamentos e suas emoções possam ser expressadas com clareza e espontaneidade. Da leitura de obras de vários autores é que o aluno irá ampliando o seu vocabulário e adquirindo certa sensibilidade para a escolha das palavras mais apropriadas às suas idéias. Encontrará maneiras diversas de distribuir essas palavras em uma frase, de compor parágrafos e até textos próprios.

A biblioteca escolar deve proporcionar seus serviços aos alunos, professores e pais. Democraticamente deve transmitir a herança cultural às novas gerações criando condições para que haja uma reapropriação do passado, enfrentem os desafios do presente e projetem-se no futuro.

### 2.2.1 Instalação

A instalação de uma biblioteca escolar deve levar em conta os fatores preponderantes para sua funcionalidade.

Para atender devidamente seus freqüentadores, a biblioteca deverá ser instalada em local com boa iluminação, arejado e acessível à clientela. Deve-se evitar:

- a) proximidade das áreas de recreação;
- b) vizinhança com auditórios;
- c) pavilhão isolado das salas de aula;
- d) vão de escadas;
- e) salas sem entradas independentes.

O ambiente onde se instalará a biblioteca nunca poderá ser menor que uma sala de aula, deverá receber boa luz natural a qualquer hora do dia. A iluminação artificial também deve ser perfeita. As paredes devem ser de cores claras.

A biblioteca deve tornar-se um local agradável e acolhedor, oferecendo um ambiente diferente da sala de aula.

### 2.2.2 Os livros e sua seleção

Toda biblioteca deve ter um bom acervo para atender a sua clientela. Os livros, folhetos e revistas devem satisfazer os interesses dos leitores e estar de acordo com as necessidades que possam emergir dos conteúdos programáticos das disciplinas ofertadas pela escola.

Deve-se ter critérios na escolha dos livros que serão adquiridos, distinguindo-se os melhores entre os bons e rejeitando-se os que não prestam ou são apenas sofríveis.

A seleção dos livros que serão usados e manuseados pelas crianças deve ser feita criteriosamente. Sabemos que os livros lidos até os dezesseis anos exercem influência nas leituras posteriores. Pode-se então verificar a grande responsabilidade de quem os seleciona.

Uma biblioteca básica deve oferecer livros de:

- a) Referência - são obras de consulta e pronta resposta. Incluímos aqui dicionários, guias, anuários, enciclopédias, bibliografias e outros;
- b) Formação - são obras que tratam da formação moral e intelectual;
- c) Informação - obras que fornecem leitura complementar aos trabalhos de classe;
- d) Recreação - quando falamos em recreação estamos tratando de comunicação. Nada aproxima mais uns dos outros do que a recreação. Recreação é tudo o que diverte e entretém. Os livros que divertem as crianças podem ser de ficção, fantasias, humor, contos e poesias.



### 2.2.3 Funcionamento

O papel da biblioteca escolar é importantíssimo, é através do bom material bibliográfico que ela oferece melhores condições de trabalho aos seus frequentadores e facilita o acesso as informações. No entanto, deve-se lembrar que o acervo é o elemento estático. O elemento dinâmico é o bibliotecário ou a pessoa responsável pela biblioteca. Sendo essa pessoa realmente interessada e criativa, mesmo com poucos recursos tornará o trabalho atuante, útil e produtivo.

Quando se implementa um serviço bibliotecário na escola, o objetivo é melhorar a qualidade de ensino e procurar tirar os alunos da ignorância, criando oportunidades que os levem, como diz Paulo FREIRE a "fazer uma leitura de mundo".<sup>13</sup>

Somente através de um planejamento bem estruturado onde haja uma perfeita integração entre ensino e biblioteca é que se pode pensar em abrir novos horizontes para toda clientela escolar.

Conscientizados da importância da leitura e sua compreensão, os alunos têm maiores chances de desenvolver um trabalho, que os levem a posicionar-se criticamente frente as situações de vida que a sociedade nos impõe.

A situação da população seria outra se a grande massa tivesse acesso e fosse capaz de ler e entender autores que nos deixaram um legado de conhecimentos sociais e filosóficos. Não se pode deixar de salientar, que a qualidade de leitura a qual a maioria da população tem acesso, não os coloca diante da realidade situacional. É necessário garantir às crianças condições para que no decorrer de suas vidas possam fazer criticamente a distinção de leituras, analisando-as conscientemente.

Para que se crie e desenvolva o hábito de ler é necessário não só ter o material literário, mas que este seja adequado à compreensão possível da faixa etária em que se encontra a criança.

A promoção da literatura só terá êxito se estiver voltada para a realidade e atender as necessidades da clientela.

Outras variáveis têm grande influência; o espaço onde o trabalho se desenvolve, a liberdade, o grupo de amigos e a necessidade de participar as descobertas a esse grupo.

A criança é natural e espontânea. Colocar-se diante de uma leitura é extremamente agradável e interessante. O que ela precisa é ser movida pelo desejo de conhecer coisas novas.

De acordo com o amadurecimento de cada um, a motivação e interesse pela leitura são diferentes.

Baseada em Piaget, FILIPOUSKI (1988) desenvolveu um trabalho sobre o desenvolvimento da personalidade e da leitura o qual pode ser observado no quadro 1.<sup>12</sup>

Os dados apresentados foram comparados com a nossa realidade e verificou-se que sua aplicabilidade é viável.

Teorias sobre o desenvolvimento da criança consideram a inteligência uma adaptação biológica à vida e uma constante interação criativa entre o indivíduo e seu ambiente. Considerando a leitura uma fonte de estimulação da criança, FILIPOUSKI procurou relacionar as faixas de desenvolvimento cognitivo infanto-juvenil com as fases da leitura.

Ao se elaborar uma proposta para ensino de literatura na escola, visando através dela o desenvolvimento da compreensão de textos, deve-se tomar por base o aluno como realmente é, procurando desenvolver as habilidades de leitura a partir de sua realidade. X

QUADRO 1. DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE E DA LEITURA

Desenvolvimento cognitivo infantil-juvenil		Desenvolvimento da leitura	
Idade	Estágio de desenvolvimento pessoalidade	Estágios de desenvolvimento	Tipo de leitura
3 a 6 anos	Pensamento pré-conceitual - Construção dos símbolos. Mentalidade mágica. Indistinação eu/mundo.	Pré-Leitura-Desenvolvimento da linguagem oral. Percepção e relacionamento entre imagens e palavras: som, ritmo.	livros de gravuras, rimas infantis, cenas individualizadas.
6 a 8 anos	Pensamento intuitivo - Aquisição de conceitos de espaço, tempo e causa. Ainda mentalidade mágica. Auto-estima. Fantasia como instrumento para compreensão e adaptação ao real.	Leitura compreensiva - Textos curtos. Leitura silábica e de palavras. Ilustração necessária: facilita associação entre o que é lido e o pensamento a que o texto remete.	aventuras no ambiente próximo: família, escola, comunidade, histórias de animais, fantasia, problemas infantis
8 a 11 anos	Operações concretas - Pensamento descentrado da percepção e ação. Capacidade de classificar, enumerar e ordenar.	Leitura interpretativa - Desenvolvimento da leitura. Capacidade de ler e compreender textos curtos e de leitura fácil, com menor dependência da ilustração. Orientação para o mundo. Fantasia.	contos fantásticos, contos de fadas, folclore, histórias de humor, animismo
11 a 13 anos	Operações formais - Domínio das estruturas lógicas do pensamento absoluto. Maior orientação para o real. Permanência eventual da fantasia.	Leitura informativa, ou factual-Desenvolvimento da leitura. Capacidade de ler textos mais extensos e complexos quanto à idéia, estrutura e linguagem. Introdução à leitura crítica.	aventuras sensacionais; listas; detetives, fantasmas, ficção científica, temas de atualidade, histórias de amor.
13 a 15 anos	Operações formais - Descoberta do mundo interior. Formação de juízos de valor.	Leitura crítica - Capacidade de assimilar idéias, confrontá-las com sua própria experiência e reelaborá-las em confronto com o material de leitura.	aventuras intelectuais, narrativas de viagens, conflitos psicológicos, conflitos sociais, crônicas, contos.

FONTE: FILIPOUSKI (1988)

\* Portanto, por maiores que forem as barreiras para o desenvolvimento de leitura e compreensão do texto pelo deficiente auditivo, se o trabalho for baseado em suas necessidades reais e respeitando suas individualidades pode-se obter resultados satisfatórios.

FILIPOUSKI (1988) coloca alguns objetivos educacionais ligados a leitura e literatura que consideramos de extrema importância:

- a) sensibilizar a criança para a leitura, oferecendo-lhe diferentes contatos com o texto escrito;
- b) desenvolver a capacidade de ler e escrever, como forma de auto-expressão e apreensão do mundo;
- c) aproximar o texto da realidade social e psicológica do aprendiz, como meio socializador e de refinamento emocional;
- d) favorecer a atuação inovadora e crítica do aluno pela valorização da tradição literária, evidenciando a importância do conhecimento da herança cultural humana;
- e) apurar-lhe o senso crítico em relação a textos que consome, motivando-o para a avaliação da realidade e de si mesmo.<sup>12</sup>

Esses objetivos podem ser atingidos quando se souber aproveitar a motivação e o interesse do aluno através da oportunidade oferecida pela leitura.

#### 2.2.4 Classificação

\* A individualidade de cada criança nos mostra o seu ritmo próprio de leitura, assim como os seus interesses e particularidades.

\* Ao se considerar as peculiaridades e as exigências de cada faixa etária em termos de linguagem, temas e estruturas, pode-se estabelecer algumas características gerais de acordo com cada uma delas, sem que se chegue a conclusões definitivas e inflexíveis. Cada criança tem sua singularidade e não se pode enquadrá-la em tabelas e escalas.

Procurando atender as características gerais de cada faixa etária, propomos um esquema de classificação dos livros, facilitando a localização dos mesmos pela própria criança. É uma forma de sistematização e não uma contingência obrigatória. Sabe-se que muitas obras destinadas a crianças menores, agradam imensamente e são lidas por leitores de mais idade e vice-versa.

A finalidade da classificação é agrupar nas estantes os livros que tratam de um mesmo assunto.

O Sistema de Classificação Decimal de Melvil Dewey é universalmente difundido entre as bibliotecas.

É chamado de decimal porque divide o conhecimento humano em dez classes a saber:

- 0 - Obras Gerais
- 1 - Filosofia
- 2 - Religião
- 3 - Ciências Sociais
- 4 - Filologia
- 5 - Ciências Puras
- 6 - Ciências Aplicadas
- 7 - Belas Artes
- 8 - Literatura
- 9 - Geografia e História

Cada classe se divide em dez divisões. Cada divisão em dez seções e estas por sua vez podem se subdividir até que se esgote as particularidades do assunto.

Procurando facilitar o acesso da criança ao livro, simplificamos e sugerimos a seguinte classificação, baseada na Classificação Decimal de Dewey.

- 03 - Obras Gerais
- 10 - Humanizado
- 20 - Religião
- 29 - Mitos
- 30 - Ciências
- 37 - Educação
- 39 - Folclore
- 50 - Ciências Puras
- 51 - Matemática
- 52 - Astronomia
- 61 - Medicina
- 62 - Engenharia
- 63 - Agricultura
- 64 - Artes e ciências domésticas
- 70 - Artes - pintores
- 80 - Estudo da literatura
- 81 - Poesia
- 82 - Teatro
- 83 - Aventuras - romance
- 88 - Contos
- 90 - História Geral
- 92 - Biografias
- 97 - História das Américas
- 98 - História do Brasil

911 - Geografia Geral

918 - Geografia do Brasil

Como a cada assunto se dá um algarismo específico, todas as obras relacionadas com esse assunto ficam agrupadas no mesmo lugar. Determina-se a ordem entre eles segundo os autores. Para isso acrescenta-se ao número de classificação, as três primeiras letras do sobrenome do autor e coloca-se em ordem alfabética. A esse conjunto de símbolos que determina o lugar do livro na estante dá-se o nome de número de chamada.

Para facilitar ainda mais a localização do livro pela criança usamos também na classificação cores coloridas. Os livros são distribuídos por série e cada livro de cada série recebe, acima da etiqueta que contém o número do gênero de leitura e as três primeiras letras do sobrenome do autor, uma cor determinada. Os livros destinados à 1.<sup>a</sup> série recebem a cor azul, os da 2.<sup>a</sup> série a cor vermelha, os da 3.<sup>a</sup> série a cor verde e os da 4.<sup>a</sup> série a cor amarela. Essas séries referem-se às quatro primeiras séries da 1.<sup>a</sup> fase do 1.<sup>o</sup> grau.

## 2.3 O DEFICIENTE AUDITIVO E A BIBLIOTECA ESCOLAR

### 2.3.1 O desenvolvimento intelectual do deficiente auditivo

\* Para algumas pessoas o conceito de que o deficiente auditivo também tem um atraso mental, está muito presente. No entanto, através de trabalho de investigação na área pode-se concluir que não existe relação de causa-efeito entre surdez e debilidade mental.

\* Quando uma criança deficiente auditiva apresenta deficit no plano cognitivo pode estar ligado a causas estranhas à defi-

Em casos onde a etiologia da surdez está relacionada com a rubéola materna, a prematuridade, a incompatibilidade do Rh e as lesões cerebrais, é possível que a criança apresente além da surdez um atraso no desenvolvimento cognitivo, decorrente da causa que afetou outras áreas além do órgão da audição.

\* Constatamos através de estudos que a falta de acesso a oportunidades culturais pode embasar alguns atrasos evidenciados no plano cognitivo em crianças deficientes auditivas. Porém, não derivam da surdez em si, poderiam atingir qualquer criança inserida num meio pouco estimulador.

\* Um dos problemas do deficiente auditivo é a estimulação insuficiente. O fato de ser privado sensorialmente na informação auditiva, prejudica o seu desenvolvimento da aprendizagem. Com a privação da recepção o deficiente auditivo precisa ajustar-se e compreender o mundo através do uso dos outros sentidos.

\* A audição é o caminho pelo qual se mantém contato com o ambiente. É também o principal canal para a aquisição da linguagem e da comunicação interpessoal. / Para GESSEL & AMATRUDA, a audição é o sentido social.

O deficiente auditivo por não interpretar o som, orienta-se mais pela visão e pelo tato.

\* A preocupação maior de reabilitadores e educadores está em desenvolver todas as potencialidades, estimulando sempre a oralização. É muito importante que o deficiente auditivo solte sons e forme palavras. Porém, um aspecto essencial é que a criança entenda o significado de cada palavra, antes que a use como tal. É o que JOHNSON & MYKLEBUST chamam de linguagem interna. Para que uma palavra tenha realmente um significado,



ela precisa representar uma experiência e ser transformada em símbolos verbais.

A linguagem interna não é sinônimo de linguagem receptiva e linguagem expressiva. Ela depende de processos receptivos para o seu desenvolvimento.

A linguagem receptiva é a segunda faceta da linguagem a ser adquirida, é a capacidade de compreender a palavra.

Há uma relação recíproca entre recepção e expressão. E se considerando a linguagem falada, isto quer dizer que a compreensão antecede a expressão. Há necessidade que se compreenda antes que se use a palavra com significado na comunicação. Em termos do sistema verbal visual, isso significa que a leitura antecede a escrita.

As capacidades receptiva e expressiva amadurecem simultaneamente embora a predominância seja da capacidade receptiva. Pode-se observar no indivíduo normal que o vocabulário receptivo é maior que o dominado expressivamente.

\* Entre as dificuldades que o deficiente auditivo apresenta em termos de linguagem pode-se colocar a de compreender significados múltiplos de preposições ou expressões como "sob" ou "em torno de"; adjetivos e palavras descritivas. Ele precisa compreender que adjetivos representam qualidades e não são objetos ou ações. Precisa entender que os adjetivos têm características associadas a objetos, sentimentos e experiências.

\* Outra dificuldade é com relação a colocação dos verbos e pronomes. A maneira de se colocar frases para a criança deficiente auditiva é extremamente importante. Ao se conversar com a criança costuma-se dizer:

\* A tia vai pegar a bola.

quando poderia e deveria dizer:

Eu vou pegar a bola.

ou

Venha com a mamãe.

em vez de:

Venha comigo.

Essas colocações são de grande importância para que se encaminhe uma boa compreensão de frases e textos. Devem ser feitas adequadamente de maneira que auxiliem a criança na formação correta de frases. Caso contrário se estará aumentando as dificuldades de estruturação e compreensão em sua vida futura. Pode-se então, encontrar pessoas deficientes auditivas dizendo frases assim: Carlos vai ao banheiro ao invés de: Eu vou ao banheiro.

### 2.3.2 A linguagem do Deficiente Auditivo

A linguagem é o instrumento básico de comunicação entre as pessoas e portanto é um elemento considerado de grande importância.

Segundo VAN UDEN (1981) alguns aspectos devem ser considerados no desenvolvimento da linguagem, mais especificamente relacionados a conversação:

#### 1) Espontaneidade:

\* Deve haver uma criação espontânea tanto em troca de informações como em termos de compreensão. A espontaneidade é o centro da conversação real. Se a criança não estiver participando espontaneamente numa conversa, não há uma conversa verdadeira.

\* É muito importante que o educador conheça profundamente as crianças com quem trabalha. Ele precisa conhecer suas individualidades, não somente o caráter e sentimento mas também o mundo cognitivo verbal e não verbal. Sem dar atenção a isto o educador poderá cometer os mais graves erros.

## 2) Conversação

Sabe-se que a conversação é muito importante para desenvolver a linguagem em crianças normais e também nas deficientes auditivas.

O como fazer é explicado com o método de apanhar o significado e o jogo das duas partes; isto é, ouvindo e observando as reações espontâneas das crianças e propiciando o próprio entendimento através de uma situação real. Inicialmente esta situação é não verbal, depois vai se tornando verbal-oral. Estas duas funções são básicas para todas as conversações por toda vida.

\* As crianças deficientes auditivas podem sofrer algumas desvantagens como, memória fraca para linguagem falada e escrita e frequência de linguagem reduzida. Três pontos devem ser enfatizados para melhorar a função memória: a motivação, o agrupamento pelo ritmo da fala e as repetições. A memória é básica para o funcionamento gramatical e semântico de palavras, para o controle da estrutura da linguagem e para a continuidade de uma conversação sobre um tema.

## 3) Aspectos linguísticos

### a) Semânticos:

As palavras tornam-se mais transparentes através de seus significados e estes significados são formados cada

vez mais pelo jogo de enfatizar a conversa.

b) Estruturais:

No desenvolvimento da linguagem a criança frequentemente pede ajuda para construir estruturas de frases. Deve-se sempre usar palavras corretas e frases bem estruturadas. É extremamente importante e necessário fazer com que crianças deficientes auditivas procurem sempre expressarem-se corretamente.

Para VAN UDEM (1981) o tratamento de lições de leitura é muito importante e faz a seguinte observação:

"Freqüentemente vemos professores colocando questões às crianças, palavra por palavra. É melhor dizer alguma coisa provocante, direta ao cerne do assunto, de modo que se verifique se a criança foi a fundo no assunto, sendo capaz de iniciar uma conversação sobre a lição lida, e para fazê-las ler nas entrelinhas".<sup>34</sup> (p.213)

Para se desenvolver a conversação deve haver por parte dos educadores a aceitação da criança deficiente auditiva, respeitando-a como pessoa e membro de uma sociedade normal.

### 2.3.3 A compreensão do Deficiente Auditivo

\* Na obra de JOHNSON & MYKLEBUST (1987) temos o depoimento de um professor que trabalhou com uma criança deficiente auditiva e diz o seguinte:

"Raul fala muito pouco nas suas experiências escolares. Sua conversa consiste em uma ou duas palavras que são difíceis de compreender. Quando lê parece pronunciar as palavras mais claramente.

No começo não fui capaz de me comunicar com ele. Tentei conversar informalmente. Nunca recebi resposta. Contudo

quando lhe mostrei a primeira cartilha ele pareceu excitado. Leu imediatamente o título. Ele leu todo o livro, mas jamais consegui provocar um comentário ou uma resposta a uma pergunta informal sobre história".<sup>20</sup> (p. 96)

Pode-se perceber que houve um interesse pelo livro.

Quando se proporciona um ambiente agradável oferecendo condições de livre escolha, naturalmente está-se estimulando a leitura.

\* Através de atividades motivadoras o interesse é despertado e pode-se criar e desenvolver o hábito de ler. É através da leitura e compreensão que o deficiente auditivo terá facilitado o trabalho de resolver situações da vida diária.

Percebe-se que muitas crianças deficientes auditivas aprendem a calcular mas são fracas em relação a raciocínio aritmético, por terem dificuldade em compreender as palavras. Alguns deficientes auditivos são rápidos em calcular, desde que alguém organize para ele o que lhe é mais difícil o enunciado dos problemas.

\* Refletindo sobre a situação acima, fica claro que a grande dificuldade do deficiente auditivo é a compreensão. Se não compreende não tem interesse e conseqüentemente não apresentará um bom desempenho nem se auto-realizará.

#### 2.4 METODOLOGIA

\* A leitura exerce papel relevante na vida das pessoas, seja na fase escolar ou depois dela. É através da leitura e sua compreensão que o indivíduo aperfeiçoa o estudo da língua, adquire conhecimentos, estimula a imaginação, desperta a sensibilidade, aprofunda seus conhecimentos e atualiza-se em

relação aos acontecimentos da vida atual em termos de ampliar a sua visão do mundo.

Tendo consciência da utilidade e necessidade de uma leitura compreensiva é que afirmamos e enfatizamos a urgência de despertar na criança o gosto e interesse pela mesma.

Para facilitar esse trabalho é necessário que exista uma gradação das dificuldades, desde o pré-escolar até a 4.<sup>a</sup> série, onde serão observados níveis crescentes no desenvolvimento de aprendizagem da leitura e compreensão do texto.

No trabalho proposto a preocupação maior é focar a linguagem e leitura não de palavras isoladas e frases curtas mas que se compreenda o significado geral de um texto. Bem como, a capacidade de avaliar e julgar a respeito do que lê.

No entanto é necessário esclarecer que o desenvolvimento da linguagem receptiva antecede o da expressiva, o visual antes do auditivo, a necessidade da progressão da linguagem concreta para a abstrata e das verbalizações simples para as mais complexas.

\* A integração do deficiente auditivo com um trabalho de crescimento gradativo, poderá oferecer-lhe um embasamento para expressar-se satisfatoriamente, tornando-o participante da sociedade.

#### 2.4.1 O deficiente auditivo no pré-escolar e a biblioteca

Na fase pré-escolar quando a criança é iniciada para a leitura, o contato é feito de forma empírica, dando oportunidade ao pequeno leitor para que de acordo com o amadurecimento intelectual formalise seus conhecimentos.

O trabalho é iniciado através da hora do conto, a criança depois de ouvir a história participará de atividades

que a levem a compreender melhor o que ouvir.

As atividades desenvolvidas são variadas:

**Rítmo, cadência e melodia:** essas atividades são desenvolvidas através de textos com rimas e poesias.

Nos primeiros anos a criança é extremamente sensível aos jogos verbais, aos ritmos diferenciados, às cadências e às particularidades sonoras das palavras, as onomatopéias.

Como afirma GAMARRA (1974) "existem no poema elementos intelectuais, elementos de linguagem mas também elementos físicos, musculares e respiratórios".<sup>14</sup>

Sabe-se que são fatores indispensáveis para o desenvolvimento do deficiente auditivo.

Os poemas selecionados devem explorar essas sensações, é na repetição dos versos que se estabelece os passos para uma ligação emocional da criança com o texto.

**Dramatização:** ao contar a história o professor irá vivenciando os fatos que nela aparecem. A criança participará ativamente. Ao terminar o conto o professor pedirá que as crianças se reúnam livre e espontaneamente para desenvolver um trabalho de criação que represente a história ouvida.

Existem muitas variações em relação ao trabalho acima citado, dependerá do momento emergencial, das necessidades dos alunos e da criatividade do professor.

**Teatro de fantoches:** pode ser considerado uma das variações da dramatização, com o recurso de personagens criados e confeccionados com material de sucata, pelos próprios alunos.

Essa atividade pode ser desenvolvida através de um conto ouvido ou simplesmente uma criação própria através dos personagens.

**Recortes e colagens:** através do uso de vários tipos de material como: palitos, macarrão colorido, algodão, papéis coloridos e outros; levar a criança a desenvolver um trabalho criativo enfatizando ambiente e personagens de uma história.

**Desenho e pintura:** a criança poderá através desta atividade, com o uso de lápis de cor, giz de cera, tintas e pincéis criar personagens e histórias. Essas histórias terão uma seqüência lógica. Inicialmente com dois quadros e no decorrer das aulas, de acordo com o amadurecimento de cada um, as atividades serão intensificadas e exigirão mais atenção e concentração para sua realização. Isto proporcionará um crescimento intelectual com a participação ativa da criança.

**Livros sem textos:** nesta atividade as crianças observam as figuras dos livros e criam oralmente frases que juntas formarão uma história.

Ao se desenvolver esse tipo de atividade é necessário que duas professoras atuem com o grupo de alunos. Uma estimula as crianças para que aconteça a produção do texto através das figuras apresentadas na ilustração do livro de histórias. Outra, irá escrevendo o que as crianças sugerem. No final teremos a história de autoria das próprias crianças. Para completar o trabalho a professora lê a história criada e propõe que os alunos façam uma ilustração final, deixando claro os fatos geradores da história e seus personagens.



A grande riqueza visual dos livros apresentados despertará o interesse dos alunos o que facilitará a criação própria. A criança passa a ser um auto-leitor, ou seja, ela própria criará o texto para as imagens que vê.

A escolha do livro deve ser feita pela própria criança. Ela deve ter o direito, desde a mais tenra idade, de manifestar a sua personalidade própria tendo liberdade na seleção dos livros que desejar ler. Os temas e os personagens não permanecem os mesmos na preferência das crianças. Isto já se pode observar no quadro apresentado sobre o desenvolvimento da personalidade e da leitura.

Na fase pré-escolar o interesse da criança está voltado para livros com gravuras coloridas, rimas infantis e cenas individualizadas.

Trabalhando com histórias que venham de encontro às necessidades e interesses desta fase, desenvolve-se a linguagem oral, a percepção, o relacionamento entre imagens e palavras, o som e o ritmo.

#### 2.4.2 O deficiente auditivo na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> série e a biblioteca

Quando as crianças se encontram na fase de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> série, iniciam e desenvolvem a leitura. Pode-se então apresentar-lhes livros com textos curtos e atraentes. A ilustração é importante e necessária porque facilita a associação entre o que é lido e o pensamento a que o texto remete.

O interesse das crianças nesta fase está voltado para aventuras no ambiente próximo: família, escola e comunidade. Há também uma grande atração pelas histórias de animais, fantasias e problemas infantis.

Procurando atender esses interesses o professor dará continuidade ao trabalho desenvolvido na fase anterior, visando agora o desenvolvimento da leitura compreensiva introduzindo outras atividades.

Vejamos a seguir:

- . Atividades de translação, isto é, simples conhecimento do que o texto apresenta.

- . Ouvir e discutir a história e seus personagens.

- . Leitura de histórias curtas e comentários sobre as características de cada personagem.

- . Identificar e distinguir o ambiente onde se passa a história.

- . Ordenar quadros apresentados seguindo uma seqüência lógica.

- . Criar uma frase para cada quadro, concluindo um pequeno texto.

- . Histórias em quadrinhos; representar através de quadros a história lida ou ouvida.

Procurar desenvolver atividades que levem os alunos a recriar textos de leituras já feitas e produzir um texto próprio.

Deve-se incentivar e promover a discussão e criação conjunta nessa fase, levando em conta que ela é o alicerce para o futuro leitor crítico. O livro será visto como fonte de prazer, que se transforma a cada momento conforme a vontade e a imaginação de cada um.

#### 2.4.3 O deficiente auáitivo na 3ª e 4ª série e a biblioteca

Nesta fase o interesse está voltado para os contos

fantásticos, de fadas, folclore, histórias de humor, aventuras e animismo.

A criança está desenvolvendo a sua capacidade de ler e compreender textos curtos e de leitura fácil, não dependendo tanto da ilustração.

O professor desenvolverá atividades que gradativamente levem o aluno a interpretar histórias ouvidas e lidas, reorganizando as idéias sobre nova configuração. Efetuará generalizações implícitas ou descritas no texto e concluirá a partir de um conjunto de circunstâncias.

O fator primordial para que se obtenha bons resultados é a seleção dos textos a serem trabalhados. Textos estes que podem ser de livros, artigos de revistas e jornais e outros.

Dando continuidade ao trabalho desenvolvido nas fases anteriores, propomos:

- . resumos orais;
- . debates em torno das questões do texto;
- . discussão a respeito dos personagens;
- . conjeturar sobre os fatos;
- . continuar a história;
- . redigir um novo final;
- . colher informações e classificar os componentes de um texto;
- . ordenar fatos em seqüência.

A avaliação se dará com a observação do grau de envolvimento do aluno durante a leitura, o nível de compreensão do texto manifestado nas respostas dadas às questões formulada. A transferência dos traços essenciais dos personagens para uma nova situação, a estruturação da redação com começo, meio e

Naturalmente que a proposta aqui apresentada deverá ser adaptada às necessidades da criança deficiente auditiva, respeitandõ suas diferenças individuais, atendendo as necessidades reais de cada grupo, visando sempre um melhor desenvolvimento da compreensão do texto.

Para se desenvolver esse trabalho é necessário que as crianças permaneçam na Biblioteca, durante quarenta e cinco minutos semanalmente. Não é um trabalho rígido ou imposto, a criança terá liberdade para participar, ou não. O importante é que se desperte o gosto pela leitura e conseqüentemente se crie o hábito de ler.

### 3 CONCLUSÃO

Ao se propor um trabalho de Biblioteca Escolar para crianças deficientes auditivas, com o objetivo de auxiliar o desenvolvimento da compreensão do texto, nos parece uma tarefa difícil de concretizar. No entanto se analisarmos através da história das bibliotecas percebemos que no decorrer dos tempos houve uma crescente abertura à clientela em geral, dando maior acesso aos livros a um número cada vez maior de pessoas. Assim como percebemos também que a tendência é diversificar o atendimento de acordo com a idade, o grau de instrução e o tipo de deficiência.

O trabalho aqui proposto, quando desenvolvido com crianças sem deficiências, atingiu os objetivos de maneira surpreendente.

Verifica-se então que as probabilidades de se ter sucesso através da oferta e atendimento efetivo às crianças deficientes auditivas não são pequenas. As crianças deficientes auditivas têm inteligência normal pois, não se verifica correlação direta entre surdez e outra deficiência, as debilidades quando apresentadas no plano cognitivo podem não ter as mesmas origens que ocasionaram a surdez. Através de um atendimento especial que releve as diferenças individuais é possível atingir o objetivo proposto que é a compreensão de textos.

Conseqüentemente, é possível termos pessoas capazes de conscientemente fazer uma análise crítica da sociedade em que

vivem procurando construir um mundo melhor.

A leitura é um veículo importante para o processo de reconstrução da sociedade. A compreensão melhora o nível de leitura. Portanto, quanto mais se trabalhar com a compreensão melhor fica a leitura e conseqüentemente haverá uma maior transformação na sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AGUIAR, Vera Teixeira. Que livro indicar? Interesses do leitor jovem. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1978. 80 p.
2. ALBERTON, Carmen Regina et alii. Uma dieta para crianças: livros - orientação a pais e professores. Porto Alegre, Redacta/Prodil, 1980. 125 p.
3. ALLIENDE, Felipe. Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987. 239 p.
4. AMARAL, Maria Lucia. Criança é criança - literatura infantil e seus problemas. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1974. 118 p.
5. BACHA, Magdalena Lisboa. O desenvolvimento da leitura na escola primária. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1969. 196 p.
6. BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de ler. 2.ed. São Paulo, Ática, 1986. 109 p.
7. BORDINI, Maria da Gloria. Literatura na escola de 1º e 2º grau: por um ensino não alienante. A literatura infantil do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, PUC/RS, 1980.
8. CAGNETI, Sueli de Souza & ZOTL, Werner. Livro que te quero livre. Rio de Janeiro, Nórdica, 1986.
9. CARVALHO, Barbara Vasconcelos. A literatura infantil: visão histórica e crítica. 2.ed. São Paulo, Edart, 1982. 314 p.
10. FEIL, Iselda Terezinha Sausen. Alfabetização - um desafio para um novo tempo. 5.ed. Ijuí, Vozes, 1984.
11. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d. 1.499 p.

12. FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. Atividades com textos em sala de aula. In: ZILBERMAN, Regina, Org. Leitura em crise na escola. 9.ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988. p. 109.
13. FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez, 1985. 96 p.
14. GAMARRA, Pierre. La lecture. Pour quoi? Paris, Casterman, 1974.
15. GERALDI, João Wanderley, Org. O texto em sala de aula. 2.ed. Cascavel, Assoeste, 1984. 125 p.
16. GREIN, Mariléa. Análise do perfil articulatorio de crianças com problemas de fala matriculadas na 1ª série do 1º grau. São Paulo, 1984. 102 p. Dissertação. Mestrado.
17. GÓES, Lucia Pimentel. Introdução à literatura infantil e juvenil. São Paulo, Pioneira, 1984.
18. HELD, Jacqueline. O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica. São Paulo, Summus, 1980. 239 p.
19. JESUALDO. A literatura infantil. 3.ed. São Paulo, Cultrix, 1978. 210 p.
20. JOHNSON, Doris J. & MYKLEBUST, Helmer R. Distúrbios de aprendizagem. São Paulo, Pioneira, 1987. 381 p.
21. JORNAL DO DEFICIENTE. Rio de Janeiro, n. 26, Jun. 1984. p. 8-9.
22. MALBA TAHAN. /Júlio César de Melo e Souza/. A arte de ler e contar histórias. Rio de Janeiro, Conquista, 1957.
23. MILANESI, Luiz. O que é biblioteca. São Paulo, Brasiliense, 1985.
24. MIRANDA, José Fernando. Estória infantil em sala de aula. Porto Alegre, Sulina, 1978. 195 p.
25. OLLÉ, James G. Library history an examination guidebook. Great Britain, Archon Books & Clive Bingley, 1971.



26. REVISTA DE DISTÚRBIOS DA COMUNICAÇÃO. São Paulo, 1(1), jan./mar. 1986.
27. ROSA, ANTONIO. Redação, desinibição e criatividade. São Paulo, Brasil, 1980. 171 p.
28. SALEM, Nazina. História da literatura infantil. 2.ed. São Paulo, Mestre Jou, 1970. 198 p.
29. SANDRONI, Laura C. & MACHADO, Luiz Raul, Org. A criança e o livro. São Paulo, Ática, 1986. 144 p.
30. SANTOS, Maria Teresa. Aspectos psicológicos da criança. In: NARGEM. Revista Mensal de Educação Especial. Lisboa, nº 33/34, jun./ago. 1983.
31. SILVA, Ezequiel Theodora da. Leitura na escola e na biblioteca. Campinas, Papyrus, 1986. 115 p.
32. SILVA, Maria Betty Coelho. Contar histórias uma arte sem idade. São Paulo, Ática, 1986. 78 p.
33. SOUZA, Ruth Villela Alves. Biblioteca escolar. 2.ed. Rio de Janeiro, MEC, 1960. 79 p.
34. VAN UDEN, A.M.J. The conversational method and the control of language. In: Oral education today & tomorrow. Washington, Ann M. Mulholand, 1981. p. 213.
35. ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 4.ed. São Paulo, Global, 1985. 118 p.
36. \_\_\_\_\_.Org. Leitura em crise na escola. 9.ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988. 164 p.